

OS ÁRBITROS E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL¹

Bruno Boschilia²
Gilmar Francisco Afonso³
Pedro Bevilaqua Pupo Ferreira Alves⁴

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo identificar, a partir dos discursos dos árbitros, as aproximações, as interdependências e as relações estabelecidas entre o futebol, as violências que dele emergem e os árbitros. O material empírico utilizado foram entrevistas realizadas com árbitros paranaenses que pertençam ao quadro da Confederação Brasileira Futebol (CBF). Podemos afirmar que na opinião dos árbitros as violências estão próximas destes, e que estas referem-se, fundamentalmente, às agressões de ordem física e corporal.

Palavras-chave: Futebol; violência, arbitragem.

INTRODUÇÃO

Quando se aborda a violência no esporte a primeira imagem vislumbrada é a dos enfrentamentos entre torcedores, os *hooligans* ingleses, as torcidas organizadas, atos de vandalismo e depredação do patrimônio público, principalmente no que se refere ao futebol; ou então, lances e faltas violentas em campo, jogos conturbados e disputas acirradas. A presença da violência física é, de certa maneira, fácil de ser identificada, conforme aponta Maurício Murad:

As manifestações de agressividade entre os torcedores, em primeiro lugar, e, logo a seguir, entre os atletas, formam a dimensão do fenômeno da violência no futebol, que tem mais vitrine na mídia e, pelo acento que lhe é dado, deixa a impressão de ser maior e mais grave do que em realidade o é (MURAD, 2007, p.34).

Quando trata-se da violência em espaços específicos, como neste trabalho a violência no futebol, não podemos nos esquecer do contexto social em que o mesmo está inserido. Desta forma, ao se refletir sobre a violência no futebol brasileiro, antes de lançar afirmações supostamente verdadeiras, deve-se traçar um comparativo com a violência nesta sociedade. Com essa prerrogativa em mente, Murad afirma que “mesmo quando as práticas de violência no futebol são inquietantes, elas são inferiores quantitativa e qualitativamente àquelas ocorridas no âmbito geral da sociedade” (MURAD, 2007, p. 66).

¹ O presente trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.

² Mestre em Educação Física, CEPELS/UFPR

³ Doutorando em Educação Física, PUC-PR/UFPR

⁴ Mestrando em Educação Física, CEPELS/UFPR

A respeito da relação entre a violência e o futebol, Reis (2006) acredita que expressões de agressividade estão presentes no contexto deste esporte desde o seu surgimento, tendo em vista a sua formação social de origem:

No futebol sempre esteve presente uma certa dose de violência, tanto no terreno de jogo como entre os torcedores. O futebol foi criado sob valores de masculinidade, valores exacerbados de virilidade, força e sobrepujança. Porém, isso teve início na segunda metade do século XIX no continente europeu, precisamente na Inglaterra (REIS, 2006, p. 14).

Os valores masculinos presentes nas sociedades perpassam as instituições ligadas a ela, e entre essas, inclui-se o esporte. Para a autora, o argumento de que a violência esteve continuamente ligada ao futebol não deve servir de conformação ou mesmo aceitação de que a violência estará presente no futebol *ad aeternum*, porém, devemos estar cientes de que as causas e as soluções desse problema são complexos e demandam tempo e medidas eficazes na busca de sua solução.

Em seu estudo sobre as torcidas organizadas, Pimenta (1997) visualiza o estádio de futebol como um ambiente grupal que favorece o aparecimento de atitudes agressivas e violentas, promovido pelo afrouxamento do autocontrole e das condutas sociais:

Dentro de uma praça desportiva, as regras sociais se afrouxam, propiciando momentos de transgressões não permitidas nas relações grupais fora do campo do jogo, surgindo, então, as trocas de ofensas morais e físicas entre os protagonistas do espetáculo. Desde que o futebol existe, até na sua ancestralidade, a agressividade está presente. Na história do futebol brasileiro, indistintamente de ser ele amador ou profissional, temos inúmeras passagens que atestam a presença de momentos de violência, não só dentro de campo entre os jogadores, mas também, entre torcedores (PIMENTA, 1997, p. 53).

O descontrole controlado das emoções proporcionado por atividades miméticas, no qual se constituem os jogos de futebol, oferece a possibilidade de expressão de condutas em campo que diferem das práticas sociais fora dos estádios, por parte de jogadores, torcedores e, também, dos árbitros. Para este autor, não é possível compreender os significados e as expressões da violência unicamente pelo viés econômico, sendo necessário entender o contexto ampliado onde o futebol, e aqueles que o fazem, estão inseridos.

Neste trabalho buscamos, a partir de entrevistas semi-estruturadas com árbitros do Estado do Paraná que integram o quadro de árbitros da Confederação Brasileira de Futebol, identificar as aproximações, as interdependências e as relações estabelecidas entre o futebol, as violências que dele emergem e os árbitros.

OS ÁRBITROS, A VIOLÊNCIA E O FUTEBOL

Sempre lembrado pelos torcedores das equipes derrotadas, motivo muitas vezes de extensas discussões entre os “especialistas” do esporte, alvo de críticas e comentários, é diante deste quadro de cizânia que a arbitragem encontra a unanimidade: a discórdia sobre

o tema. Entretanto, poucas vezes se procurou conhecer profundamente os aspectos que envolvem a atuação de um árbitro de futebol.

A partir do quadro colocado anteriormente, pode-se perceber que os árbitros estão alocados em um caminho duplo: de um lado a necessidade de permitir o vigor e os contatos físicos necessários para manter a tensão, emoção e interesse da disputa tanto para jogadores, mas, principalmente, para torcedores; de outro lado, se não aplicarem a regra e as punições correm o risco de perder o “controle do jogo”, e os jogadores acabarem assumindo comportamentos violentos frente aos seus adversários.

Para Morris (1981), esta situação enfrentada durante a partida,

[...] cria um problema especial para o árbitro, porque se, por um lado, deve proteger a integridade física dos jogadores, por outro não pode deixar que o jogo perca a sua dureza e virilidade tradicionais. É sua função, claro, e sua principal razão de existir evitar que a caça aos golos se transforme numa batalha corpo a corpo, na qual o alvo principal do pontapé sejam os corpos dos adversários e não a baliza. Porém, se apitar constantemente ao menor choque, o jogo depressa perde interesse, não só por se fragmentar, mas também porque pode passar rapidamente de um desporto vigoroso a um morno passatempo. Portanto, para o árbitro, controlar a partida significa caminhar sobre o arame, entre o jogo duro e o jogo mole (MORRIS, 1981, p. 50).

Saber distinguir as diferença entre um futebol disputado com força e virilidade daquele em que a maldade e a violência estão presentes não é encontrado nos livros e nos manuais. Esse conhecimento advém da experiência nos campos, na carreira desenvolvida pelos árbitros, por esse motivo, a escolha das entrevistas para este trabalho. Acredita-se que a partir dos depoimentos dos entrevistados serão colocadas questões que não estão presentes nas regras.

Dessa forma, é necessário destacar as diferenças entre um jogo forte e um jogo violento. Conforme aponta um de nossos entrevistados, futebol violento é compreendido no sentido de ações realizadas pelos atletas e entre os atletas:

No momento em que o jogador ele não visa uma disputa de bola ele está sendo violento e está atentando contra a integridade física do adversário. E quando ele busca impedir um outro adversário usando pernas, as pernas, eu considero um futebol violento. Muitas vezes um jogador que você puxa é um futebol violento, não... isso não é não, melhor você puxar um atleta do que você dar um pontapé. E como eu falei pra você em um ponto, não porque todos os zagueiros fazem falta que são violentos, não. É a função dele, a função dele é parar o atacante, parar o meio de campo adversário, nem por isso ele vai ser violento. Mas quando o jogador ele... você sente, o árbitro sente quando ele deixa a perna com a única finalidade exclusiva de atingir o adversário, isso é futebol violento (ÁRBITRO ENTREVISTADO).

O jogo violento diferenciar-se-ia do vigoroso na intencionalidade do atleta, que pode ser perceptível ao árbitro. A utilização de força, que em excesso é passível de punição, não possui a mesma intencionalidade da violência e é socialmente aceita e, por vezes, exigida dos jogadores. Utilizar lances faltosos com o intuito de parar o ataque adversário não é compreendido como sendo utilização da violência. A violência estaria presente no

objetivo final do atleta, ou seja, agredir o adversário. Outros entrevistados visualizam a violência no futebol a partir de lances que o jogador atua de maneira premeditada, com o intuito de machucar ou ferir o seu adversário:

Futebol violento é aquele futebol onde as equipes não respeitam o *fair play*, onde as equipes já entram em campo premeditadas a seguir, a caçar alguns jogadores. [...] Então, eu vejo a violência isso, aquela equipe que faz uma ação já premeditada, claro que isso hoje diminuiu, os tribunais estão atuando, as punições estão sendo mais rigorosas e os árbitros estão sendo cobrados para que punam, caso não punam, os árbitros estão sendo punidos (ÁRBITRO ENTREVISTADO).

O futebol violento é aquele futebol desleal, é o futebol da ‘botinada’ [sic], da pancada, é o futebol dessa envergadura. O futebol mais chegado, mais firme não, porque o futebol é um jogo de contato físico, como é um jogo de contato físico esse tipo eu não caracterizo. Eu acho que o jogo violento, aquele jogo desleal, de colocar o pé um pouco mais acima, usar um pouco da maldade. A jogada mais forte ela não chega a ser violenta, porque a regra prevê o uso excessivo de força, mas você tem que punir se isso constantemente vier a ocorrer (ÁRBITRO ENTREVISTADO).

A imagem da violência futebolística para os entrevistados relaciona-se fundamentalmente aos aspectos físicos, sendo assim, compreendida pelos árbitros basicamente em função das ações e atitudes de enfrentamento e contato corporal. As ofensas e violências morais, foram pouco citadas pelos árbitros quando questionados acerca do que seria, na opinião deles, um futebol violento. Vejamos os depoimentos dos árbitros quando questionados sobre se já haviam sofrido violências físicas em campo:

Como árbitro eu posso dizer assim que, graças a Deus, eu nunca fui agredido, a questão da violência ficou só na questão verbal mesmo [...] Eu não diria que seja uma exceção. Existe digamos a tentativa de agressão que realmente nos relatórios até vai como agressão... a tentativa o tribunal não vai conseguir julgar. Agora, como eu havia frisado realmente eu acho que são poucos os árbitros que tiveram uma carreira assim tão longa, dezesseis anos já, e não terem uma agressão física, a não ser esta outra que eu já havia citado. Então, posso dizer assim que realmente isso é muita sorte, na nossa conjuntura [...] (ÁRBITRO ENTREVISTADO).

Já, já fui agredido no campo de futebol. [...] Foi no amador, foi o último jogo amador que eu apitei, a partir daquele momento eu falei não apito mais jogo amador, não preciso... a gente vem para colaborar, já era árbitro CBF, pediram na liga para ir apitar um jogo, fui... e fui agredido, em um jogo... não tinha segurança nenhuma, por isso que eu falo, o jogador não tem respeito por você que está ali, para ele você não é nada, ele vê você como um nada dentro do campo o jogador amador, ou veterano, seja quem for, não tem respeito. Quem organiza também não tem respeito porque te coloca em um campo que não tem um... um policial para te dar segurança, campo que não tem proteção nenhuma, você está ali jogado, “ô, você vai lá e se vire” (ÁRBITRO ENTREVISTADO).

Já... e foi justamente em campeonato amador. No profissional a situação que mais ocorre é o jogador, as vezes, te cercar pedindo um pênalti, te cercar pedindo uma

situação, mais não passa daquilo. A partir do momento que você toma uma atitude disciplinar aquela roda vai se desfazendo, o jogo vai dando prosseguimento e você continua o jogo. No amador a situação não é a mesma coisa. No amador ocorre as agressões primeiro de tudo, então o jogador já vem e te agride. Às vezes nós passamos por situações difíceis. Eu no amador na fui agredido sim, já levei chutes nas costas, chutes na parte posterior do corpo e tive que sair correndo, em um torneio lá na minha região [...] (ÁRBITRO ENTREVISTADO).

Inúmeras, inúmeras... Eu sempre falo, só não levei porrada até hoje no rosto! Principalmente no início, muitas vezes geradas por você mesmo. Você muitas vezes acaba gerando os problemas que acabam... Hoje eu consigo ver isso. E outras situações de uma forma injusta, toda agressão ela é injustificada, nada leva... Mas tem coisas que hoje eu vejo que aquilo fui eu que gerei por uma atitude, até pela falta de experiência. Mas já tive várias situações de agressão... E eu não descarto a possibilidade mesmo hoje em um nível FIFA, internacional, se você depender de alguma situação pode ocorrer (ÁRBITRO ENTREVISTADO).

Como pode ser visto, as agressões contra os árbitros são comuns e ocorrem, principalmente no futebol amador. Em campeonatos profissionais acontecem mais raramente, ainda assim, não estão descartadas. As violências morais e verbais, como ameaças, coações e xingamentos, surgem como algo inerente à função, expediente utilizado, principalmente, por torcedores e equipes derrotadas.

Nas regras e manuais encontramos outras definições para a violência no futebol. As Instruções Gerais da CA/CBF apontam para um sentido mais claro do que se deve entender como sendo uma “entrada⁵ violenta”, passível de punição com um cartão vermelho:

Uma entrada violenta é quando um jogador se lança com um pé ou os dois pés para frente, quer seja de frente ou às costas do jogador que tenha a bola sem tocar esta última; ou quando se atira com a clara intenção de parar o jogador de forma violenta e sem se importar em que na ação toque ou não a bola (FIFA, 2007, p.144).

Pode-se compreender, deste modo, que o ato violento estaria contido na ausência da intencionalidade de buscar atingir a bola ou visando atingir o adversário, ou seja, deixando de “jogar o jogo”. Todo lance de entrada em um adversário que um árbitro avalie como sendo violento, deverá ser punido com a expulsão do campo de jogo. Ao árbitro cabe apreciar a ação final do jogador, o ato resultante de sua intenção.

Não compete ao árbitro tentar abstrair a intenção inicial de um jogador para aplicar uma sanção, em outras palavras, mesmo que um jogador tenha como intuito inicial buscar alcançar a bola, mas que durante a jogada, por imprudência, temeridade ou uso de força excessiva, tenha acertado seu adversário, cabe ao árbitro puni-lo em consonância com os fatos que viu, assimilou e interpretou.

⁵ O termo “entrada”, muito utilizado pelos árbitros, refere-se ao lance muito conhecido como “carrinho”, no qual o jogador projeta suas pernas na direção do adversário buscando atingir a bola ou não, podendo ser punido pela sua utilização com excesso de força ou quando utilizado de maneira perigosa, que possa, na opinião do árbitro, colocar em risco a integridade do adversário.

Buscando auxiliar os árbitros em suas interpretações e posterior preenchimento da súmula nas Instruções Adicionais e Diretrizes da FIFA é possível encontrar as definições para lances “imprudentes”, “temerários” ou a caracterização do “uso de força excessiva”, vejamos:

“Imprudência” significa que o jogador mostrou ausência de atenção ou consideração na disputa ou agiu sem precaução;
“Temeridade” significa que o jogador agiu com completa despreocupação em relação ao risco ou as conseqüências para seu adversário;
“Uso de força excessiva” significa que o jogador excedeu muito o uso da força necessária e assume o risco de lesionar seu adversário (FIFA, 2007, p. 112, aspas no original).

Cabe ao árbitro julgar, em poucos segundos, a intencionalidade do atleta no lance. Para lances imprudentes não deverá ser sancionada nenhuma punição disciplinar; deve-se advertir com o cartão amarelo o atleta que age com temeridade; e a utilização de força excessiva deve ser punida disciplinarmente com a expulsão. Em seu relatório, o árbitro deve descrever com clareza, justificando assim as medidas adotadas para com o jogador que comete a irregularidade.

Diferentemente da entrada violenta, a *conduta violenta* refere-se ao comportamento do atleta fora da disputa na bola. Conforme consta nas Instruções Adicionais e Diretrizes da FIFA para Árbitros, a conduta violenta é definida da seguinte forma:

Um jogador é culpado de conduta violenta se emprega força excessiva ou brutalidade contra um adversário fora da disputa da bola.
Ele também é culpado de conduta violenta se emprega força excessiva ou brutalidade contra um companheiro, espectador, funcionário ou qualquer outra pessoa (FIFA, 2007, p.122).

A conduta violenta deve ser punida se empregada pelo atleta dentro ou fora de campo, em local em que esteja sob a jurisdição do árbitro.

Nas regras não encontramos referência à intencionalidade ou à ação premeditada apontada pelos árbitros. Até pela dificuldade que estaria colocada em descrever a intenção violenta ou não de um jogador no momento em que atinge um adversário. A seriedade de uma lesão não seria um critério adequado para se definir a intencionalidade violenta da ação, pois pode ocorrer independentemente da ação violenta ou agressiva.

Esta é a maior discrepância na relação entre as “frias” regras escritas e a sua aplicação “quente” dentro do jogo. As regras não ofertam a possibilidade de mensurar, avaliar ou graduar as ações dos atletas. Essa função é recorrente aos árbitros, e eles dispõem, dentro de campo, próximos aos atletas, sentindo o jogo, de uma situação privilegiada para interpretar os lances e punir ou não os jogadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste trabalhos pode-se afirmar que a violência perceptível pelos árbitros refere-se, principalmente, às agressões físicas sofridas por eles ou entre os atletas.

Os xingamentos e as coações em campo, principalmente em jogos amadores, parecem ser socialmente aceitos como parte do jogo e da função. Em jogos profissionais, a violência por parte dos torcedores não é vista como um meio de interferência direta na atuação dos árbitros.

Para os árbitros a violência é algo próximo e recorrente, o que pode ser apreendido a partir dos discursos a respeito da violência sofrida e visualizada pelos entrevistados. Estes consideram suas possibilidades de atuação no controle da violência, mas apontam que a prevenção poderia partir de outros segmentos como tribunais, mídia, dirigentes e comissão técnica das equipes.

Desse modo, são creditadas a organização de competições que dispõem de elementos como a vigilância, a presença de meios midiáticos, tribunais esportivos, policiamento, grande público e punições, as condições para bom exercício da função e redução da violência por parte dos atletas.

Essas instituições esportivas devem incessantemente buscar medidas para que os afrouxamentos emocionais proporcionados pelos esportes não sejam extrapolados, resultando em atitudes violentas ou agressivas.

REFERENCIAS

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. **Regras do Jogo 2007/2008**. Tradução CBF. Rio de Janeiro: 2007.

MORRIS, Desmond. **A tribo do futebol**. Portugal: Publicações Europa-América, 1981.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação: aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal, 1997.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

Grupo Temático: ESPORTE E VIOLÊNCIA